

ROCHAS COM COVINHAS NA REGIÃO DO ALTO TEJO PORTUGUÊS*

por

Francisco Henriques, João Carlos Caninas**
& Mário Chambino****

Resumo: A Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA) identificou nos últimos anos, nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Idanha-a-Nova, diversos conjuntos de rochas com covinhas. Neste texto, procura-se salientar a relevância destas gravações na região arqueológica considerada e a sua possível associação a espaços sagrados pré-históricos.

Faz-se uma leitura da distribuição espacial destas rochas gravadas, e de outros vestígios da humanização antiga e moderna, e chama-se a atenção para a convergência espacial entre rochas com covinhas e templos modernos. Coloca-se a hipótese de esta convergência indiciar um uso milenar dos respectivos espaços como locais sagrados e, portanto, a continuidade do povoamento da Pré-História até à actualidade.

Palavras-chave: Rochas com covinhas. Espaços sagrados. Continuidade.

INTRODUÇÃO

As rochas gravadas com covinhas constituem, ainda hoje, um dos casos mais enigmáticos no domínio da arte rupestre, apresentando grande latitude em termos geográficos e, aparentemente, também em termos cronológicos. Com esta comunicação procuramos dar mais um contributo para o seu conhecimento, através de um conjunto regional, inédito na sua quase totalidade. À descrição das rochas que iremos apresentar acrescem alguns comentários relativos à sua distribuição e possível contexto arqueológico.

No Alto Tejo Português, alguns dos mais significativos conjuntos de covinhas foram identificados e estudados, nos anos setenta, por Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes. É o caso de um afloramento existente no vale da Ribeira

* Este texto, inédito, corresponde a uma comunicação originalmente apresentada nas 1 Jornadas de Arqueologia da Beira Interior, em 1991.

** Membros da Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA), Avenida da Belavista, n° 160, 6030 VILA VELHA DE RÓDÃO.

da Pracana, Mação (Monteiro 1977) e de dois menires gravados da Charneca do Vale Sobral-Alagoa, em Nisa (Gomes 1978). Desde então tem vindo a descobrir-se um número crescente de rochas com covinhas na região considerada, no âmbito do Projecto de Carta Arqueológica do Alto Tejo português, em particular nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Idanha-a-Nova (fig. 1).

Numa tentativa de aproximação ao contexto arqueológico destas rochas considerámos diversos monumentos e sítios (núcleos habitacionais e monumentos megalíticos) do Neolítico-Calcolítico, o período da Pré-História Recente melhor representado nesta região, pelo menos em termos quantitativos (Caninas 1987).

Os vestígios arqueológicos situados na área de Malpica-Monforte (concelho de Castelo Branco) encontram-se inéditos e os relativos ao Rosmaninhal (concelho de Idanha-a-Nova) tiveram uma primeira divulgação no terceiro volume da Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques *et all* 1993). Os monumentos e sítios arqueológicos localizados nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa foram já objecto de diversas publicações (Henriques 1980, 1986a, 1986b, Monteiro 1978, Oliveira 1991, Pereira da Silva 1991). Os monumentos megalíticos identificados em Malpica-Monforte e no Rosmaninhal vêm completar substancialmente o quadro divulgado pelos investigadores alemães (Kalb 1987). Também se consideram nesta análise os núcleos de gravuras da chamada Arte Rupestre do Tejo (Baptista 1981, Gomes 1987).

Os trabalhos de campo desenvolvidos nesta região, principalmente desde 1987, foram possíveis graças aos apoios concedidos pela Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente, pela Comissão das Comunidades Europeias, pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, pela Delegação de Castelo Branco do Instituto da Juventude e pelo Instituto Nacional do Ambiente.

QUADRO GEOGRÁFICO

A região que designamos por Alto Tejo Português compreende diversos territórios envolventes do Rio Tejo a montante de Belver, integrados, de montante para jusante e em território nacional, nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Nisa e Proença-a-Nova. Esta vasta região é constituída, do ponto de vista geológico, por rochas xisto-grauváquicas, rasgadas por algumas cristas quartzíticas de orientação geral NO-SE, apresentando-se profundamente marcada pela rede hidrográfica associada ao Tejo.

Em termos morfológicos registam-se diversas falhas de orientação geral NE-SO, com destaque para a extensa falha do Ponsul que divide a área considerada em dois degraus. No degrau inferior subsistem ainda largas extensões de depósitos detríticos plio-pleistocénicos de diversos tipos.

Designamos como “territórios” as sub-divisões desta vasta área, delimitadas por cursos de água muito encaixados (Tejo, Erges, Aravil, Ponsul, Ocreza, Sever) e por acidentes orográficos importantes (serra das Talhadas-São Miguel).

DESCRIÇÃO E CONTEXTO

Os painéis gravados com covinhas encontram-se ao ar livre tendo como suporte rochas xisto-grauváquicas, em afloramento ou monólito-bloco móvel. Consideram-se também três casos de monólitos de granito com covinhas: dois menires (São Pedro-Alagoa) e um bloco reutilizado numa construção moderna (Senhora da Graça-Lucriz). Os suportes de xisto são geralmente irregulares e, por vezes, estão muito fissurados, o que dificulta a indentificação de algumas gravações.

A gravação é feita quase sempre no topo das rochas, ocupando superfícies horizontais ou convexas. Apenas num dos casos (Cabeço Alto) a superfície utilizada é paralela ao plano de xistosidade da rocha.

Em termos de organização espacial, as covinhas apresentam-se distribuídas por grupos de painéis. No Rosmaninhal e em Malpica do Tejo (Henriques *et all* 1993) estes grupos são geralmente constituídos por um ou vários painéis centrais com maior concentração de gravações, acompanhados, na área próxima, por um ou mais painéis com reduzido número de covinhas.

Estes painéis estão gravados quase exclusivamente com covinhas, de diâmetros e profundidades muito variadas, destacando-se, em alguns casos, uma ou várias covinhas de grandes dimensões (Couto da Espanhola, Malaguarda, São Pedro-Alagoa). São raras, aparentemente, as distribuições regulares. Merecem destaque alguns alinhamentos binários de covinhas (Couto da Espanhola, Cabeço Mouro e Malaguarda). Trata-se, no entanto, de pequenos conjuntos, se os compararmos com o longo sistema binário da rocha 127 de São Simão-Nisa (Baptista 1986, 37). Também se detectaram, em várias rochas, picotados mais ou menos dispersos (Couto da Espanhola, Senhora das Neves, Malaguarda).

Em alguns casos verifica-se a presença no mesmo painel de covinhas gravadas por picotagem e por abrasão. A picotagem poderá corresponder, como já foi observado noutros casos (Gomes 1983), a uma fase de preparação da rocha, antes da regularização e aprofundamento por abrasão.

Em toda a região conhecem-se diversos casos de covinhas gravadas em esteios de monumentos megalíticos, ou em monólitos associados àqueles, como é o caso da anta da Granja de São Pedro (Almeida 1971) e na região de Ródão-Nisa (Caninas 1987).

Indica-se, sempre que necessário, a folha da Carta Militar (esc. 1:25.000), a altitude aproximada e a quadrícula hectométrica (UTM ou Gauss) correspondentes às rochas mencionadas.

Território do Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

Neste território, delimitado a leste, a sul e a oeste, pelos rios Erges, Tejo e Aravil, foram identificados 64 monumentos de tipo dolmênico, dos quais 11% foram destruídos por plantações de eucaliptos. Estes monumentos apresentam dimensões e tipologias variadas conservando quase todos a mamoa, a qual integra invariavelmente quartzo leitoso. A estrutura funerária — em muitos casos ausente aparentemente por destruição — é constituída por esteios de rocha xisto-grauvática, característica comum a todos os monumentos de tipo dolmênico indicados na fig. 1.

São ainda escassos os vestígios correspondentes a núcleos de povoamento do Neolítico-Calcolítico. Conhecem-se neste momento quatro possíveis núcleos habitacionais, evidenciados por cerâmica, indústria lítica em sílex e quartzito e moínhos manuais. Situam-se em planaltos detríticos, analogamente ao que se observa na Região de Ródão-Nisa (Caninas 1987, Soares 1988).

Neste território foi também identificado um recinto megalítico em bom estado de conservação (Couto da Espanhola) e um conjunto de monólitos dispersos (alguns dos quais gravados), correspondentes ao que supomos ter sido um outro recinto megalítico (Cabeço Mouro-Santa Marina).

Conhecem-se neste momento três conjuntos de rochas com covinhas e dois painéis isolados.

Cabeço Mouro-Santa Marina

O sítio do Arraial do Cabeço Mouro e do Couto de Santa Marina corresponde a um importante núcleo de achados pré-históricos. Trata-se da terceira maior concentração de monumentos de tipo dolmênico (seis) do Rosmaninhal.

Nesta área foram identificados 10 monólitos (dois dos quais gravados) que julgamos terem integrado um recinto megalítico, hoje destruído. Estes monólitos têm características morfológicas idênticas às dos monólitos que integram o recinto megalítico do Couto da Espanhola.

Na área do Couto terá existido uma capela dedicada a Santa Marina. O local é referenciável por um túmulo escavado na rocha. Foram reutilizados nos edifícios do “monte” alguns blocos graníticos, aparelhados, provenientes, segundo nos disseram, das ruínas da capela.

O núcleo de rochas com covinhas do Cabeço Mouro (fig. 1-1) é constituído por três painéis. Dois deles distam entre si cerca de 16 metros e contém, respectivamente, 20 e 16 covinhas (CMP 306, 272m, PD653934 UTM). Mais afastado, existe um terceiro painel com três covinhas.

Santa Madalena

Neste local existe uma ermida dedicada a Santa Madalena, uma necrópole de túmulos escavados na rocha e uma estação de superfície Romano-Medieval.

Nas proximidades desta ermida existem dois núcleos de rochas com covinhas (fig. 1-2), distanciados entre si cerca de 300 metros. Um dos núcleos, situado cerca de 100 metros a norte da capela, junto de uma fonte, é constituído por um painel principal com 16 covinhas (CMP 306, 345m, PD619978 UTM) e por um outro painel com escasso número de gravações. O segundo núcleo é também composto por dois painéis com reduzido número de covinhas cada um e situa-se 300 metros a oeste da capela, a altitude superior à do primeiro núcleo.

Couto da Espanhola

As rochas gravadas do Couto da Espanhola integram um conjunto arqueológico situado no planalto balizado pelos marcos geodésicos de Corgas (extremo nordeste) e Cegonhas (extremo sudoeste). Nesta área foi identificada a maior concentração de monumentos de tipo dolménico do Rosmaninhal, (17 monumentos).

Foram detectados à superfície inúmeros fragmentos de moventes e dormentes de moinhos manuais e alguma cerâmica pré-histórica, que poderão indiciar a existência de núcleos habitacionais

No planalto existe um recinto megalítico, em bom estado de conservação, constituído por cerca de três dezenas de monólitos "in situ", erectos ou tombados, definindo um recinto sub-circular com cerca de 36 metros de diâmetro. Os monólitos, de rocha xisto-grauvácua, apresentam diversos graus de afeiçoamento e têm secção poligonal ou arredondada.

Junto deste recinto existe um importante núcleo de rochas com covinhas (fig. 1-3) constituído por 11 painéis, juntos (CMP 294, 344m, PE596046 UTM), com cerca de 132 covinhas no total (fig. 2: painel com 31 covinhas). Este núcleo central está rodeado por outros painéis com reduzido número de gravações. Cerca de 600 metros a nordeste deste núcleo existe um outro (fig. 1-4) constituído por uma rocha principal com 84 covinhas (CMP 294, 335m, PE596051 UTM) (fig. 3), acompanhada, também a curta distância, por diversos painéis com escasso número de gravações do mesmo tipo.

Cabeço Alto

Na parte leste do território do Rosmaninhal, na área do Cabeço Alto, foi encontrado um bloco de xisto, móvel, com três covinhas (CMP 306, 350m,

PD685012 UTM) (fig. 1-5).

Entre este sítio e o Erges existe um grupo, relativamente numeroso, de monumentos de tipo dolménico.

Alguns quilómetros a norte do Cabeço Alto, no Tremal, foi encontrado um outro bloco de xisto, móvel, também com três covinhas, na superfície de uma mamoa (CMP 294, 336m; PE695041 UTM).

Território de Malpica do Tejo-Monforte da Beira (Castelo Branco)

Este vasto território encontra-se insuficientemente prospectado. Até ao momento, identificámos 23 monumentos de tipo dolménico. Estes monumentos encontram-se em pior estado de conservação do que os monumentos do Rosmaninhal, em larga medida, devido a uma maior incidência de plantações de eucaliptos que destruíram 27% dos monumentos identificados.

Foram detectados indícios de um núcleo de povoamento do Neolítico-Calcolítico na parte leste deste território.

Para sudoeste, na margem esquerda do Tejo, já em território espanhol, foram identificados nos anos setenta diversos conjuntos de gravuras integráveis no complexo de Arte Rupestre do Tejo.

Até ao momento, identificámos apenas um grupo de rochas com covinhas.

Senhora das Neves-São Domingos

O conjunto de rochas com covinhas da Senhora das Neves-São Domingos é formado por dois núcleos distanciados entre si cerca de 400 metros, ambos localizados junto à vertente sudoeste de uma plataforma detrítica.

Um dos núcleos (fig. 1-6) é constituído por um grande bloco arredondado, aparentemente de grauaque, com 85 covinhas (CMP 305, 290m, PD403943 UTM) (fig. 4). O outro núcleo (fig. 1-7) é constituído por sete painéis, situados a diferentes altitudes (CMP 305, 290-310m, PD404947 UTM), contendo, no total, cerca de 138 covinhas. Um destes painéis contém, entre outras, três covinhas feitas a picotado, associadas a um motivo linear e a picotado disperso (fig. 5). As restantes covinhas embora apresentando picotagem marginal foram aprofundadas por abrasão.

Na área do segundo núcleo detectaram-se outros painéis com escasso número de gravações.

Nos arredores destes dois núcleos existem seis monumentos de tipo dolménico e vestígios romanos em diversos locais. A algumas centenas de metros

destas covinhas fica a importante ermida da Senhora das Neves, junto da qual se identificou um túmulo escavado na rocha.

Território de Fratel (Vila Velha de Ródão)

Este território, de configuração triangular, delimitado pelo Rio Tejo, pelo Rio Ocreza e por um troço da Serra das Talhadas, contém um diversificado conjunto de vestígios arqueológicos do Neolítico-Calcolítico (monumentos megalíticos e núcleos habitacionais) (Henriques 1986b). No troço do Rio Tejo que lhe corresponde encontram-se também algumas das mais importantes estações da Arte do Tejo, como é o caso do núcleo de Fratel.

A partir do padrão de distribuição destes vestígios sugeriu-se uma relação funcional entre os diferentes tipos de monumentos e sítios (Caninas 1987). Recentemente, realizaram-se escavações em dois núcleos habitacionais (Soares 1988, Cardoso 1991) e numa mamoa (Pereira da Silva 1991), que apontam para ocupações do Neolítico final, Calcolítico inicial e Calcolítico pleno.

Malaguarda

No vale superior do Ribeiro da Malaguarda, afluente do Rio Ocreza, detetou-se um extenso painel sobre afloramento de xisto (fig. 1-8) com cerca de 125 covinhas (CMP 313, 250-240 m, M231, 9/P295, 3 Gauss) (figs 6 e 7), de dimensões muito diferenciadas, e abundante picotado disperso (Henriques 1986a).

Cerca de dois quilómetros para leste situa-se, na Charneca de Fratel, o mais importante povoado pré-histórico deste território (Henriques 1986a, Caninas 1987, Soares 1988).

Vila Ruivas e Rio Ocreza

Na margem esquerda do Vale do Ocreza, junto à Azenha da Grila, a meia encosta, existe um pequeno painel (CMP 313, 100m, M229, 5/P295, 1 Gauss) (fig. 1-9) sobre afloramento de xisto, muito fissurado, contendo 17 covinhas. Este painel foi observado em 17 de Outubro de 1986, após o esvaziamento da albufeira da Barragem da Pracana.

Junto à aldeia de Vila Ruivas, na parte nordeste do território de Fratel foi detectado, também num afloramento de xisto (CMP 314, 240m, M236, 5/P298, 6 Gauss) (fig. 1-10), junto de uma eira, um conjunto de cinco covinhas.

Território de Nisa

Na parte norte do Concelho de Nisa existe, tal como no território de Fratel, um diversificado conjunto de vestígios pré-históricos (monumentos megalíticos e núcleos habitacionais) (Henriques 1980, 1986a) em aparente correlação espacial com as estações da Arte Rupestre do Tejo (Caninas 1987).

São Pedro-Alagoa

Na plataforma detrítica de São Pedro-Cacheiro foram detectados e estudados dois menires gravados (fig. 1-11), em granito, um dos quais com 24 covinhas (Monteiro 1978). A escavação efectuada, na base de um destes menires, permitiu concluir que as covinhas foram gravadas antes da sua erecção (Monteiro 1978).

Na área próxima e zona circundante existem vestígios de um povoado do Neolítico-Calcolítico e monumentos de tipo dolménico. A norte, na margem esquerda do Tejo, situa-se a estação de arte rupestre de Chão da Velha.

Outros Casos

Senhora da Graça-Lucriz (Vila Velha de Ródão)

Na planície do Lucriz, mais precisamente no Olival dos Morouços, existem duas mamos. Uma delas encontra-se relativamente bem conservada, embora apresentando a câmara funerária vazia. Algumas centenas de metros a sul existe uma pequena elevação que serve de suporte à Capela da Senhora da Graça (Henriques 1986a) e que admitimos tratar-se de uma grande mamoa. Perto encontrou-se, na parede de um palheiro (CMP 303, 110m, M246, 3/P302, 5 Gauss), um bloco de granito afeiçoado (possivelmente um fragmento de um menir), exibindo 20 covinhas numa das faces (fig. 1-12).

Ribeira da Pracana (Mação)

Na margem direita da Ribeira da Pracana foram detectadas (Monteiro 1977) mais de 100 covinhas, com diâmetros e profundidades diversas, gravadas a picotado sobre duas superfícies sub-horizontais de um afloramento xistoso (fig. 1-13).

Este conjunto surge numa situação topográfica análoga à da arte do Tejo (bancada xistosa polida pelas águas, no fundo de um vale encaixado), partilhando

não só o ambiente físico como a própria técnica de gravação.

Dos conjuntos apresentados este é o único que se encontra no fundo de um vale, a baixa altitude, e usando exclusivamente a técnica do picotado. Está, portanto, mais próximo da Arte do Tejo, na tipologia e no espaço.

COMENTÁRIOS

1. A respeito da função e significado destas gravuras rupestres gostaríamos de começar por citar algumas das hipóteses colocadas por diversos investigadores.

No Santuário Exterior do Escoural a sobreposição de diversos tipos de gravuras por covinhas sugere, segundo os seus descobridores (Gomes 1983), “terem sido executadas no decorrer de cerimónias ou de visitas ao santuário em que se fazia o reconhecimento ou a leitura das gravações existentes”.

Os mesmos autores admitem ainda a hipótese de “certos grupos de covinhas estruturadas terem sido utilizados na realização de jogos”. Esta função dificilmente se aplica aos conjuntos de covinhas atrás referidos; apresentam-se gravadas em superfícies não horizontais e com um padrão de distribuição irregular.

Tendo como referência o Escoural e o Vale do Tejo (Monteiro, 1977), e baseados numa interpretação de Anati, os autores apontam para “o significado iniciático das rochas com covinhas, encontradas à entrada de grutas ou envolvendo santuários pré-históricos ao ar livre “indicando o sentido que conduz a um determinado sítio muito específico””. De acordo com esta perspectiva, as rochas com covinhas do Alto Tejo poderiam assinalar percursos em direcção à Arte do Tejo.

Mais recentemente, e no âmbito de um estudo sobre gravuras rupestres de três zonas da parte ocidental da Galiza, atribuídas à Idade do Bronze (Bradley *et al* 1994), foi admitido que as rochas gravadas, maioritariamente com covinhas, poderiam delimitar áreas de recursos naturais sensíveis, ou assinalar zonas de passagem entre o interior e o litoral galego.

Quanto à cronologia destas gravuras, não podemos deixar de chamar a atenção, uma vez mais, para a importante jazida que é o Santuário Exterior do Escoural e para o Povoado Calcolítico que se lhe sobrepõe. Encontramos ali, a partir das estratigrafias arqueológica (estruturas e derrube da muralha do povoado) e figurativa (a sobreposição de bucrânios por covinhas), uma posição cronológica para estas gravações no final do 4º Milénio a.C./ início do 3º Milénio a.C., ou seja, no Neolítico final (Gomes 1991b).

2. O material arqueológico que apresentámos anteriormente suscita-nos os seguintes comentários:

a) As covinhas parece constituírem o motivo dominante na arte rupestre exterior ao complexo da Arte do Tejo (vale do Tejo e seus principais afluentes).

b) No Rosmaninhal, dois dos três conjuntos de rochas com covinhas e os dois recintos megalíticos correspondem às duas principais concentrações de monumentos de tipo dolménico, respectivamente no Couto da Espanhola e no Cabeço Mouro. Este facto leva-nos a admitir um estatuto próprio e uma autonomia dos núcleos de rochas com covinhas face ao santuário rupestre do Tejo. Por outro lado, esta circunstância leva-nos a colocar a hipótese de estes núcleos de rochas estarem associados, ou configurarem, espaços sagrados pré-históricos.

É idêntica a situação dos núcleos de covinhas de Malpica do Tejo em relação ao contexto arqueológico (seis monumentos de tipo dolménico na área próxima). Imediatamente a sul descobriram-se os primeiros conjuntos da Arte Rupestre do Tejo situadas no Tejo internacional.

c) Parece verificar-se uma convergência espacial de espaços sagrados pré-históricos (recintos megalíticos e núcleos de rochas com covinhas) e locais de culto históricos (ermidas). Esta convergência de locais sagrados, correspondentes a diferentes épocas e culturas, pode sugerir uma persistência da sua apropriação e, por consequência, uma continuidade do povoamento e da tradição sagrada/simbólica daqueles sítios.

Em Malpica do Tejo o único conjunto de rochas com covinhas até agora identificado situa-se nas proximidades da única ermida existente nesta vasta região. Este conjunto está circunscrito por seis monumentos de tipo dolménico.

Fora da área considerada, mas próximo, podemos apontar outros exemplos de convergência espacial entre rochas com covinhas e ermidas: em Monsanto (Capela de São Miguel), na Marateca-Lardosa (Capela de Santa Agueda) (Henriques 1988) e em Castelo Branco (Capela de São Luis).

Podem citar-se também casos, já clássicos, de convergência entre ermidas e monumentos megalíticos, nomeadamente em Pavia, São Brissos e Alcobertas. Mais interessante do que estes três exemplos, e menos conhecido, é o da Capela da Senhora do Monte, em Penedono (Ferreira 1985). Trata-se de uma ermida cuja capela-mór ocupa uma anta, existindo a curta distância dois outros monumentos megalíticos.

No Alto Tejo Português parece observar-se um caso idêntico na Senhora da Graça, em plena planície do Lucriz (Vila Velha de Ródão). A elevação onde foi construída a capela da Senhora da Graça parece ter sido uma grande mamoa, o que documenta um curioso caso de cristianização de um monumento megalítico. A curta distância situam-se duas mamoas, no Olival dos Morouços, e, na ombreira de um palheiro, um bloco de granito com covinhas, que admitimos ter pertencido originalmente a um menir. Estaríamos, também, perante mais um exemplo de associação entre monumentos megalíticos e menires, como é o caso da Granja de São Pedro (Almeida 1971).

Uma das mais importantes ermidas do território de Fratel, a Capela de Santo Amaro, localiza-se junto das antas de Santo Amaro e do Campo (Henriques 1986a).

d) Dos dois recintos megalíticos identificados, aquele que se conserva, praticamente intacto, poderá corresponder a um espaço sagrado antigo que entrou cedo no esquecimento. De facto, não encontramos ali traços de reutilização do sítio e nomeadamente da sua cristianização. A memória do sítio e a afirmação/manutenção do seu estatuto proibido/sagrado parece observar-se, em contrapartida, no Cabeço Mouro-Santa Marina, onde a marca/memória da sua antiguidade parece perpetuar-se na própria toponímia.

3. Com esta comunicação procurámos salientar a relevância das rochas com covinhas na região considerada. Estas manifestações simbólicas poderão, eventualmente, estar associadas ou identificar espaços sagrados pré-históricos. Fica em aberto a determinação da relação entre as rochas com covinhas e a arte do Tejo dado, como se admite, haver uma significativa sobreposição temporal entre ambos os conjuntos.

Procurámos, também, chamar a atenção para a convergência espacial entre rochas com covinhas e templos modernos. Colocamos a hipótese de esta convergência indiciar uma tradição milenar dos respectivos espaços como locais sagrados e, portanto, de uma continuidade do povoamento, da Pré-História até à actualidade.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao Arq. Mário Varela Gomes pelas suas indicações quanto à forma de aplicar o método bicromático no levantamento das gravuras. Um agradecimento também aos amigos Maria dos Anjos Tavares e Jorge Gouveia pela colaboração prestada nos trabalhos de campo.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, D. Fernando de e O. da Veiga FERREIRA (1971) - "Um monumento pré-histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Nova)", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), vol 1, pp 163-168.
- BAPTISTA, António Martinho (1981) - *A Rocha F 155 e a origem da Arte do Vale do Tejo*, "Monografias Arqueológicas", GEAP, 83 p, Porto.
- BAPTISTA, António Martinho (1986) - "Arte Rupestre pos-glaciária. Esquematismo e abstracção", *História da Arte em Portugal*, Alfa, Vol. 1, pp 30-55.
- BRADLEY, Richard, Felipe Criado BOADO e Ramón Fábregas VALCARCE (1994) - "Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: algunos ejemplos gallegos", *Trabajos de Prehistoria*, 51, nº 2, pp 159-168, Madrid.
- CANINAS, J. C. Pires e F. J Ribeiro HENRIQUES (1987) - "Testemunhos do neolítico e do calcolítico no concelho de Nisa", *Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano* (1985), pp 69-82, 2 figs, Castelo de Vide.
- CARDOSO, João Luis, Carlos TAVARES DA SILVA, João CANINAS e Francisco HENRIQUES (1991) - "A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). Trabalhos realizados em 1989", comunicação às *I Jornadas Arqueológicas*

- da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda.
- FERREIRA, Agostinho de Campos (1985) - "A Anta da capela da senhora do monte. Contribuição para o estudo do megalitismo da freguesia de Penela da Beira", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, fasc. 1, vol. XXV, 24 p, Porto.
- GOMES, Mário Varela, J. Pinho MONTEIRO e Eduardo da Cunha SERRÃO (1978) - "A estação pré-histórica da Caramujeira. Trabalhos de 1975/76", *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (1977), vol. 1, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp 35-72.
- GOMES, Mário Varela (1986) - "O Cromeleque da Herdade dos Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora)", *Almansor*, nº 4, 41 págs, 20 figs.
- GOMES, Mário Varela (1987) - "Arte Rupestre do vale do Tejo", *Arqueologia no Vale do Tejo*, IPPC, pp 26-43, Lisboa.
- GOMES, Mário Varela (1991a) - "Arte Rupestre e Contexto Arqueológico", *Almansor*, nº 7 (1989), Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp 225-269.
- GOMES, Mário Varela (1991b) - "Corniformes e figuras associadas de dois Santuários Rupestres do sul de Portugal. Cronologia e interpretação", *Almansor*, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp 17-74.
- GOMES, Rosa Varela, Mário Varela GOMES e Manuel Farinha dos SANTOS (1983) - "O Santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora)", *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp 287-307, Salamanca.
- HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires CANINAS (1980) - "Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa", *Preservação*, 3, 67 p, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco J.R. e J.C. Pires CANINAS (1986a) - "Nova contribuição para a carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa", *Preservação*, 7, 78 p, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco et all. (1986b) - "Carta Arqueológica do Concelho" (Vila Velha de Ródão), *Informação Arqueológica*, 6(1984), pp 9-22, Lisboa.
- HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires CANINAS(1988) - "Levantamento Arqueológico na área a submergir pela barragem da Marateca (Castelo Branco)", *Actas das II Jornadas da Beira Interior* (1986), vol. II, pp 189-198, Fundação.
- HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS e Mário CHAMBINO (1993) - "Carta Arqueológica do Tejo Internacional", vol. 3 (Idanha-a-Nova), *Preservação*, 14-16, 299 p, Vila Velha de Ródão.
- KALB, Philine (1987) - "Monumentos Megalíticos entre Tejo e Douro", *El Megalitismo en la Peninsula Iberica*, pp 95-109, Madrid.
- MONTEIRO, J. Pinho e M. Varela GOMES (1977) - "Rocha com covinhas na Ribeira do Pracana", *O Arqueólogo Português*, III Série, vol. VII-IX (1974-77), pp 95-99, Lisboa.
- MONTEIRO, J. Pinho e Mário Varela GOMES (1978) - "Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa)", *Revista de Guimarães*, Vol. LXXXVII, 20 págs, 6 figs e III estampas, Guimarães.
- OLIVEIRA, Jorge (1991) - "A Anta da Nave do Padre Santo - Nisa (Necrópole Megalítica de Montalvão)", *Actas das IV Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp 201-214, Lisboa.
- PEREIRA DA SILVA, Fernando Augusto (1991) - "Mamoá da Charneca das Canas (Fratel, Vila Velha de Ródão)", Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, 23 págs, 17 figs, Vila Velha de Ródão.
- SOARES, Joaquina (1988) - "O Povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico final-Calcolítico de Rodão-Nisa", *Alto Tejo*, nº 2, pp 3-6, Vila Velha de Ródão.

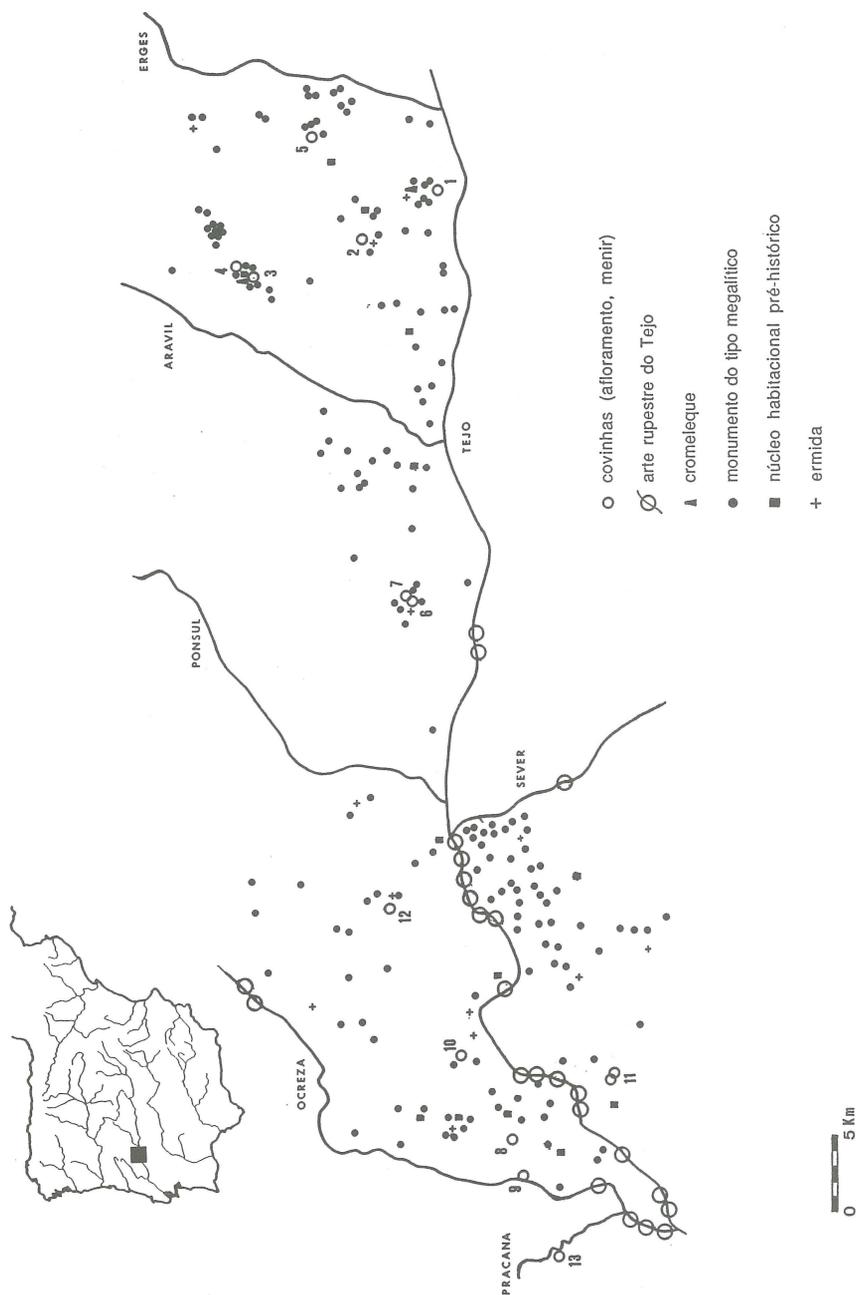


Fig. 1 — Distribuição dos achados na área envolvente do Alto Tejo português (concelhos de Vila Velha de Ródão, Nisa, Castelo Branco e Idanha-a-Nova). Localização da área dos achados na Península Ibérica.

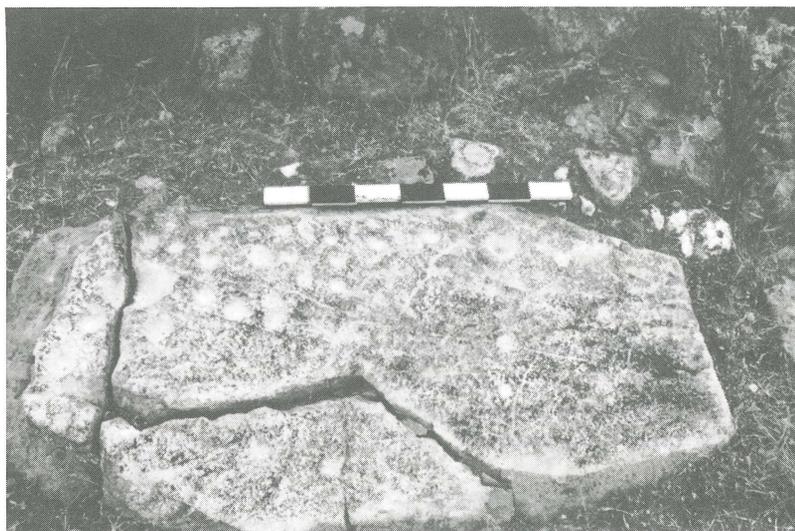


Fig. 2 — Rocha com 31 covinhas, Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova).



Fig. 3 — Rocha isolada com 84 covinhas, Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova).

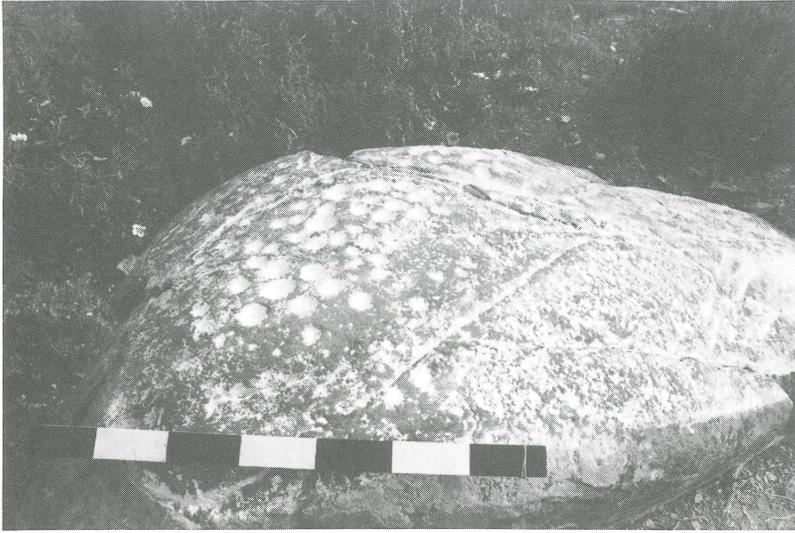


Fig. 4 — Rocha isolada com 85 covinhas, Senhora das Neves (Castelo Branco).



Fig. 5 — Afloramento com covinhas, Senhora das Neves (Castelo Branco).

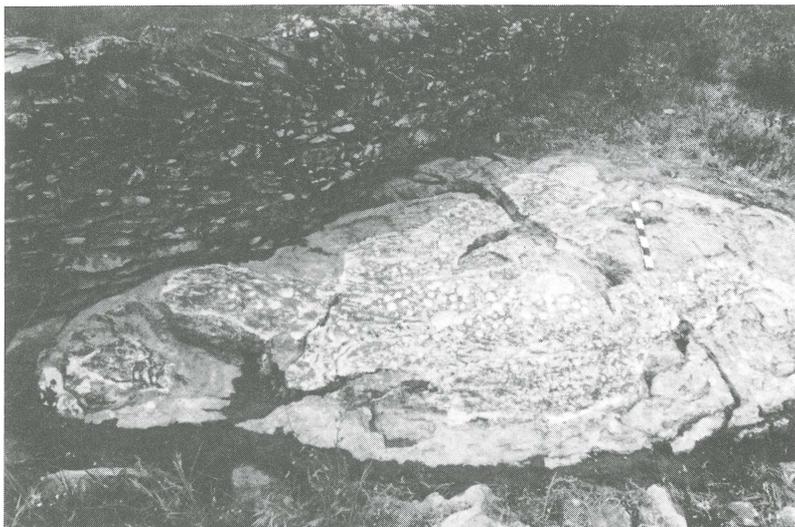


Fig. 6 — Panorâmica de um afloramento com 125 covinhas, Malaguarda (Vila Velha de Ródão).

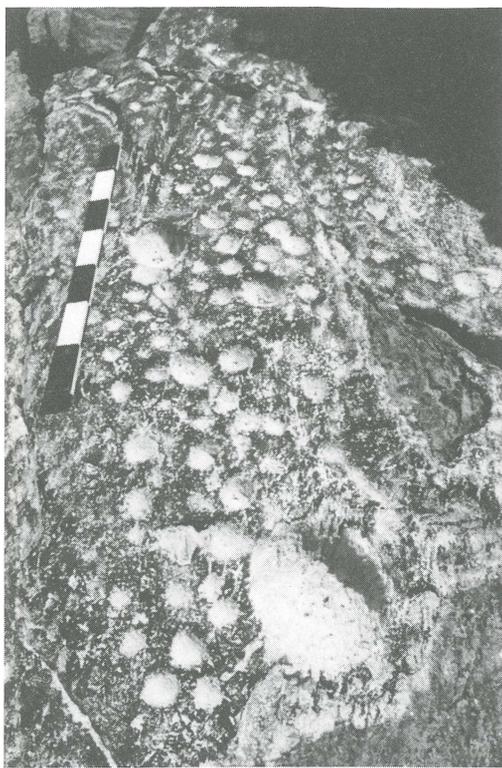


Fig. 7 — Aspecto do afloramento com covinhas da Malaguarda (Vila Velha de Ródão).